

*Processos semânticos de ligação temporal em textos jornalísticos em Português Europeu*

Purificação Silvano, Centro de Linguística da Universidade do Porto

Fenómenos linguísticos e géneros discursivos

O estudo linguístico do texto jornalístico em Português Europeu evidencia a existência de características muito próprias no que diz respeito à selecção de tempos verbais e de processos de combinação temporal de orações. A observação do *corpus* constituído revela que a existência de subordinação sintáctica não significa só por si que haja subordinação temporal. Na verdade, verifica-se que, no texto jornalístico, em frases complexas com duas orações completivas finitas ou não finitas a criação de um novo domínio temporal é mais comum do que a subordinação temporal.

De acordo com a minha proposta de análise, há subordinação temporal quando as eventualidades das orações completivas são vistas a partir do intervalo de tempo em que ocorre a eventualidade da oração matriz, integrando aquelas o domínio temporal criado pela eventualidade da oração principal. No processo de criação de um novo domínio temporal, as eventualidades das orações completivas são vistas a partir do momento de enunciação do relato. Enquanto no primeiro caso o ponto de perspectiva temporal das eventualidades das orações completivas é o intervalo de tempo em que se localiza a eventualidade da oração principal, no segundo é o momento de enunciação.

## I. Descrição do estudo

O objectivo desta apresentação é o de analisar os processos semânticos de ligação temporal em textos jornalísticos em Português Europeu em frases complexas com duas completivas finitas e não finitas. Um outro propósito é o de interpretar estes fenómenos linguísticos tendo em conta as características do texto jornalístico.

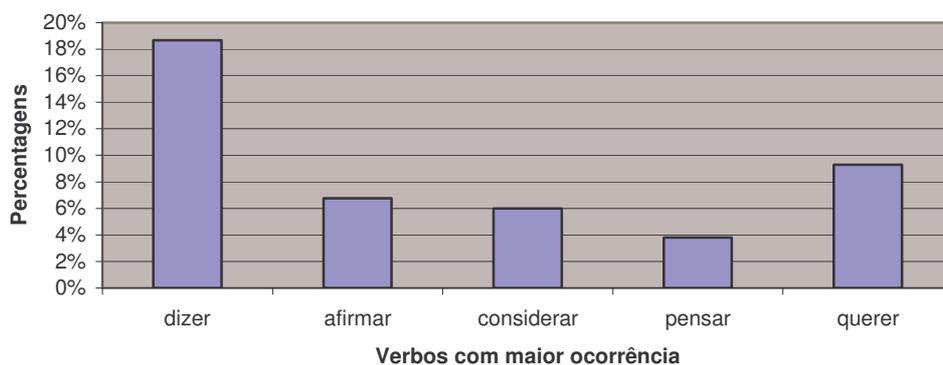
O estudo realizado tem como base um *corpus* constituído a partir dos corpora *do português*<sup>1</sup>, que inclui excertos de um jornal diário português, *Público*. O corpus constituído caracteriza-se por frases complexas com uma ou mais orações completivas introduzidas pelos verbos *dizer*, *afirmar*, *considerar*, *pensar* e *querer*. A recorrência destes verbos, ilustrada no gráfico I, coaduna-se com o cariz deste *corpus*, porque, como se trata de um texto jornalístico com a função de informar imparcialmente, o relato directo ou indirecto de discursos remete para o uso de verbos introdutores do discurso que caracterizam de uma forma relativamente neutra a “voz” do enunciador original do discurso. A análise dos dados referentes aos verbos de actividade mental reforça as conclusões já delineadas. Antes de mais, sublinhem-se os valores inferiores de ocorrência deste tipo de verbos quando comparado com o dos verbos declarativos. De seguida, é de salientar que o verbo com maior frequência neste grupo é *considerar* (19%), que tem uma carga semântica relativamente neutra. O verbo *pensar* caracteriza-se também por um número de ocorrências significativo, embora bastante menor do que o de *considerar*, o que, de certo modo, parece contradizer as minhas conclusões, porque, sendo um verbo introspectivo, significa ou um conhecimento profundo do enunciador original do discurso por parte do enunciador do discurso relatado ou um compromisso deste em relação à ocorrência do acto de pensar. Contudo, uma observação mais cuidada dos dados desfaz essa contradição e reforça a análise que tenho vindo a fazer. De facto, o estudo sobre a distribuição das formas verbais finitas pelas pessoas gramaticais, ilustrada no gráfico II

---

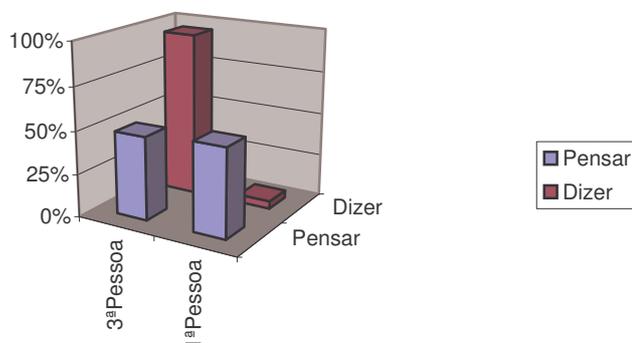
<sup>1</sup> O endereço electrónico do corpus CPPRMIANOT é <http://cgi.portugues.mct.pt/acesso/>. Este corpus inclui dois parágrafos por edição do *Público*, extraídos entre 1991 e 1998 e engloba as seguintes unidades contendo mais do que uma palavra:

	Número de entidades	Número de <i>tokens</i>
Nomes próprios	46121	64222
Locuções	5029	9606
Palavras gráficas	988686	988686
Palavras simples	914858	914858
Palavras	966008	988686

revela que, num total de 523 ocorrências do verbo *dizer*, 501 são usadas nas terceiras pessoas do singular e do plural, enquanto, num total de 167 ocorrências do verbo *pensar*, somente 81 são usadas nessas pessoas gramaticais, sendo as restantes usadas nas primeiras pessoas do singular e do plural. Quanto ao verbo *querer*, a elevada percentagem de frequência deste verbo (é o segundo verbo com mais ocorrências no conjunto de todos os verbos analisados) está, tal como *dizer*, *afirmar* e *considerar*, em conformidade com a natureza do texto jornalístico, porque este verbo exprime intenções que justificam ações e que são alvo de notícia.

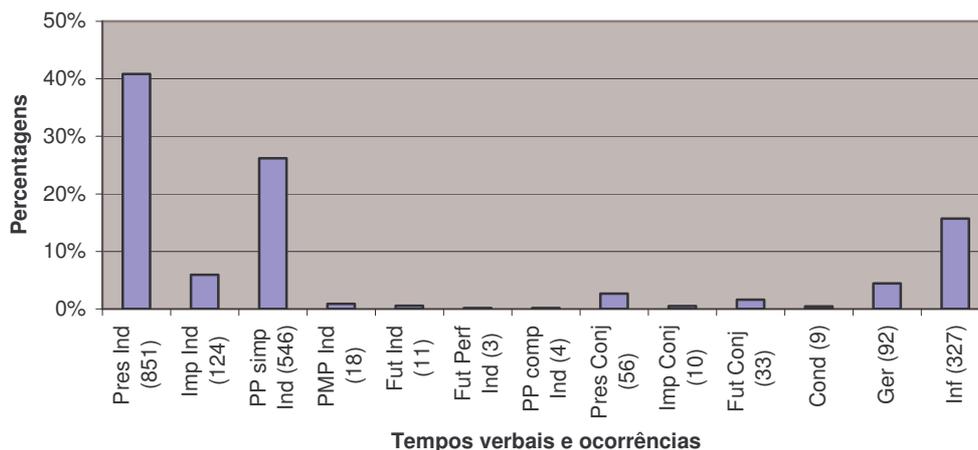


**Gráfico I: Percentagens de verbos com maior ocorrência no corpus CPPRMIANOT**



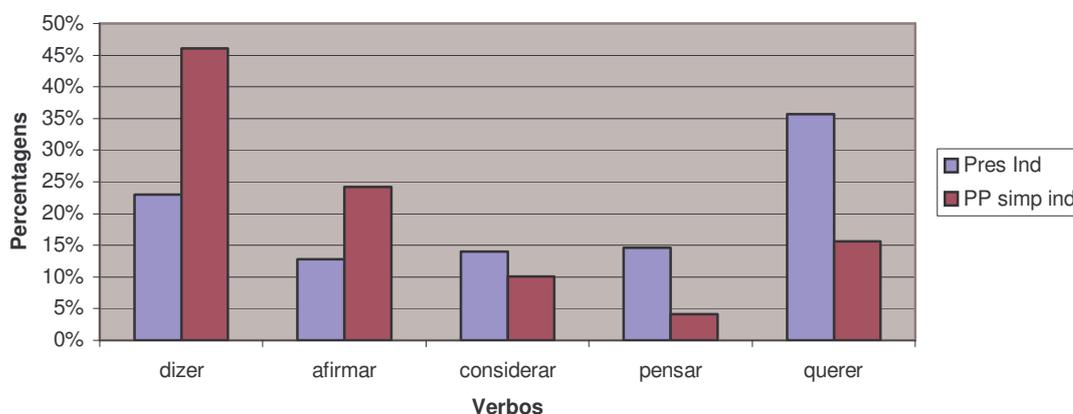
**Gráfico II: Percentagens de ocorrências das primeiras e terceiras pessoas do singular e do plural dos verbos pensar e dizer no corpus constituído**

A observação dos dados revela ainda que os tempos verbais mais usados nos verbos introdutórios são o Pretérito Perfeito do Indicativo e o Presente do Indicativo, tal como se pode confirmar pelo gráfico III:



**Gráfico III: Percentagens das ocorrências dos tempos verbais nos verbos introdutores**

Contudo, são os verbos declarativos *dizer* e *afirmar* que surgem maioritariamente no Pretérito Perfeito do Indicativo e os verbos de actividade mental *considerar* e *pensar* e o volitivo *querer* que ocorre mais frequentemente no Presente do Indicativo, como demonstra o gráfico IV:



**Gráfico IV: Percentagens dos tempos verbais Pres Ind e PP simp Ind nos verbos seleccionados**

Estes dados derivam das diferentes características aspectuais dos verbos em análise. Se, por um lado, os verbos declarativos (*dizer* ou *afirmar* algo) descrevem *accomplishments* (ou processos culminados, na tipologia de Moens), por outro lado, os verbos de atitude ou de actividade mental e os volitivos descrevem preferencialmente estados. O facto de apenas com os estativos o Presente do Indicativo ter um valor temporal de presente real justifica a predominância deste tempo verbal nos verbos introdutores *considerar*, *pensar* e *querer*, inversamente aos verbos declarativos que descrevem na sua base eventos.

Mais uma vez, estas conclusões vão ao encontro da natureza do texto jornalístico, nomeadamente da relevância informativa. Assim, o Pretérito Perfeito do Indicativo é utilizado para relatar enunciados proferidos num tempo passado, relevantes no panorama da informação e o Presente do Indicativo para relatar opiniões, crenças ou intenções, que, em termos noticiosos, se revestem de maior interesse se tiverem uma validade presente.

Os exemplos (1) e (2) são exemplificativos dos dados:

- (1) O presidente da NFU disse que os rendimentos agrícolas caíram para quase metade no ano passado e que não há qualquer sinal de inversão desta tendência em 1998.
- (2) Um documento confidencial do Painel Intergovernamental Sobre Mudanças Climáticas considera que o globo está de facto a aquecer e que a poluição de origem humana é um dos factores responsáveis pelo fenómeno.

Os dois exemplos apresentados representam dois processos diferentes de ligação temporal da frase encaixada à frase matriz, pois, em (1), verifica-se a criação de um novo domínio temporal e, em (2), verifica-se a subordinação temporal. Na verdade, a existência de subordinação sintáctica, que está presente nos dois exemplos, não implica a subordinação temporal.

Para além das frases complexas com duas completivas coordenadas ilustradas em (1) e (2), o *corpus* apresenta também frases complexas com uma completiva que serve de frase matriz a outra completiva, como exemplificado em (3).

- (3) Ele diz que a maior parte das pessoas em Dalian pensa que relações com o Japão são do seu interesse.

## **II. Uma proposta de análise**

Para proceder à análise dos dados, proponho o recurso aos conceitos de ponto de referência e ponto de perspectiva temporal usados na Teoria das Representações Discursivas de Kamp e Reyle (1993) e à concepção de subordinação temporal desenvolvida no estudo de Declerck (1991). De acordo com esta proposta, sempre que a eventualidade representada pela frase encaixada é integrada no mesmo domínio temporal criado pela eventualidade da frase

principal, tendo que, para isso, o intervalo de tempo ocupado pela primeira eventualidade se tornar o ponto de perspectiva temporal da segunda eventualidade, há subordinação temporal. Quando a eventualidade da primeira oração é um evento, este serve de ponto de referência para a segunda eventualidade. Quando a eventualidade da frase encaixada não é integrada no domínio temporal criado pela eventualidade da frase principal, aquela tem como ponto de perspectiva temporal o intervalo de tempo que coincide com o momento de enunciação ou o intervalo de tempo que abrange o momento de enunciação original e do relato. Neste caso, assiste-se à criação de um novo domínio temporal, não havendo, por isso, subordinação temporal.

De realçar que, para além dos elementos referidos, há que considerar outros elementos para que a interpretação temporal da frase esteja completa. Efectivamente, é necessário realizar uma leitura composicional da frase, considerando não só outros elementos linguísticos como os adverbiais temporais e as características aspectuais das eventualidades representadas, como também as características do género discursivo.

### III. Análise dos dados

As combinações dos tempos verbais nas frases complexas que constituem o *corpus* pautam-se por uma grande variedade, pelo que apresentarei somente os dados que são mais ricos em termos de relações temporais e que, simultaneamente, servem de amostragem do *corpus*. Iniciaremos a análise com os exemplos (4) e (5):

- (4) No entanto, alguns dos analistas contactados pelo Público consideram que a Sumolis tem sido «esquecida» pelo mercado e que existem boas perspectivas quanto aos resultados de 1997.
- (5) O músico baiano pensa agora em recuperar e gravar algumas destas canções.

Nestes dois exemplos, os verbos introdutores encontram-se no Presente do Indicativo, tendo ambos como ponto de perspectiva temporal o momento de enunciação e sobrepondo-se ambos a esse intervalo de tempo. Em (4), o estado “ser esquecida” tem como ponto de perspectiva temporal o estado “considerar”, que, neste caso, coincide com o momento de enunciação e é anterior e coincidente com esse intervalo de tempo. O estado representado pela segunda frase

encaixada tem, tal como o estado da primeira frase encaixada, como ponto de perspectiva temporal o intervalo de tempo ocupado pelo estado “considerar” e sobrepõe-se a ele. Nas duas frases encaixadas, as eventualidades integram o domínio temporal criado pela eventualidade da frase matriz, havendo, pois, subordinação temporal. Em (5), surgem duas frases completivas não finitas que representam dois eventos “recuperar” e “gravar”. Ambos assumem como ponto de perspectiva temporal o intervalo de tempo em que ocorre o estado “pensar” e, devido às características semânticas deste verbo, situam-se depois desse intervalo de tempo. De notar que o evento “recuperar” serve de ponto de referência ao evento “gravar”, localizando-se este depois do primeiro evento. Mais uma vez, como os dois eventos integram o domínio temporal criado na frase matriz, há subordinação temporal.

O *corpus* jornalístico exhibe ainda dados com outros verbos introdutores e noutros tempos verbais. Vejam-se os exemplos de (6) a (9):

- (6) No dia 9 de Julho o líder dos populares disse que já tinha a resposta de Nobre Guedes e torná-la-ia pública na semana seguinte.
- (7) Boskov tinha dito que lhe ia dar três oportunidades e tiraria conclusões.
- (8) Pois Malaquias queria simplesmente emigrar e ter uma boa vida na metrópole

Em (6), deparamo-nos com o evento “dizer”, que tem como ponto de perspectiva temporal o momento de enunciação e decorre antes desse intervalo de tempo. O adverbial temporal “no dia 9 de Julho”, uma expressão de calendário na terminologia de Kamp e Reyle (1993:613), localiza o evento “dizer” num tempo anterior ao momento de enunciação, indicação dada pela morfologia passada da própria forma verbal. É este evento que desempenha a função de ponto de referência, e de ponto de perspectiva temporal, do estado “ter”, situado temporalmente no mesmo intervalo de tempo que “dizer”. O evento “tornar pública” mantém como ponto de referência o primeiro evento e como ponto de perspectiva temporal o intervalo de tempo ocupado por ele e localiza-se depois desse tempo, isto é, depois do evento “dizer” e do estado “ter”, mais precisamente na semana a seguir ao tempo denotado por “9 de Julho”. Tal como sucede com este exemplo, no seguinte, as duas orações estão temporalmente subordinadas à respectiva oração subordinante. Assim, em (7), o evento “dizer” tem como ponto de perspectiva temporal um intervalo temporal anterior ao momento de enunciação, ocorrendo antes deste tempo. As duas formas verbais seguintes partilham o mesmo valor do Condicional, embora assumam representações gráficas diferentes: a primeira recorre ao Imperfeito do Indicativo do verbo *ir* e ao Infinitivo do verbo *dar* e a segunda ao Condicional.

Ambas, no entanto, representam eventos cujo ponto de perspectiva temporal corresponde ao tempo de ocorrência do evento “dizer”. Quer “dar” como “tirar” ocorrem depois do primeiro evento, havendo, porém, diferenças quanto ao ponto de referência. Enquanto o ponto de referência do evento “dar” é o evento “dizer”, o do evento “tirar” já é o evento que o precede, ou seja, “dar”. Esta caracterização temporal permite situar o evento representado pela segunda oração subordinada num tempo posterior ao evento descrito pela primeira oração subordinada. O exemplo (8) recorre a duas frases encaixadas não finitas, que, no entanto, também se integram no domínio temporal criado pelo estado “querer”. Devido às características semânticas do verbo *querer*, as eventualidades “emigrar” e “ter uma boa vida na metrópole” situam-se depois do intervalo de tempo em que ocorre “queria”. Contrariamente ao exemplo (7), no exemplo (8), a segunda eventualidade é um estado que tem como ponto de referência o evento “emigrar” e sobrepõe-se a ele.

Vejamus o que acontece quando os verbos introdutores *dizer* ou *afirmar* estão no Presente do Indicativo, como se verifica no seguinte exemplo:

- (9) Martins dos Santos diz que o incluiu no relatório e que enviou esse relatório à Associação de Futebol do Porto.

Neste exemplo, o verbo introdutor “diz” encontra-se no Presente do Indicativo, mas não pode ter uma leitura de presente, na medida em que constitui um predicado eventivo e, como o presente transforma estes predicados em estados, concluo que não se trata de um verdadeiro presente. De facto, este Presente não localiza o evento num intervalo de tempo coincidente com o momento de enunciação, mas num tempo anterior a este. Por isso, considero que se trata de um pré-presente que transmite uma maior actualidade ao evento que representa, indo, portanto, ao encontro do que é exigido do texto jornalístico. Assim sendo, o evento descrito na frase principal tem como ponto de perspectiva temporal o momento de enunciação e situa-se antes desse intervalo de tempo. As duas orações encaixadas representam eventos no Pretérito Perfeito do Indicativo que têm como ponto de perspectiva temporal o momento de enunciação e não o intervalo de tempo ocupado pelo evento “dizer” e localizam-se antes do momento de enunciação e antes do evento “dizer”. Quanto à ordenação temporal dos eventos das frases encaixadas, o primeiro serve de ponto de referência ao segundo, ocorrendo este depois daquele. Com efeito, este exemplo demonstra o uso mais comum do Pretérito Perfeito do Indicativo em Português Europeu, isto é, o uso sequencial. Dado que os dois eventos das frases completivas não integram o domínio temporal da frase principal, então não há

subordinação temporal e assiste-se à criação de um novo domínio temporal, um segundo processo semântico de ligação temporal em frases complexas com completivas.

Os exemplos (10) e (11) pautam-se de igual modo pela ausência de subordinação temporal, que, como já referi, é o processo semântico mais usado na ligação temporal das frases encaixadas à frase principal no texto jornalístico estudado.

(10) Fonte da empresa disse ao Público que o novo tarifário entra em vigor no próximo dia 15 e que os actuais clientes terão um mês para escolher o tipo de assinatura que mais lhe convier.

(11) Ferreira de Almeida disse ao Público estar a par da situação e que vai solucionar o problema brevemente.

Os dois exemplos descrevem nas frases principais os eventos “dizer” que têm como ponto de perspectiva temporal o momento de enunciação e localizam-se antes desse intervalo de tempo. Contudo, as relações temporais que se estabelecem entre esses eventos e as eventualidades representadas nas frases encaixadas diferem. Em (10), a primeira frase completiva representa um evento que tem como ponto de perspectiva temporal o momento de enunciação e localiza-se depois desse intervalo de tempo e do intervalo de tempo em que ocorre o evento “dizer”. O estado “ter um mês para escolher a assinatura” sobrepõe-se parcialmente ao evento “entrar em vigor”, que ocorre no tempo descrito pelo adverbial temporal “próximo dia 15” com a origem de computação no momento de enunciação, e estende-se para além deste tempo por um período de um mês. Uma vez que ambas as eventualidades das orações subordinadas não têm como ponto de perspectiva temporal o intervalo de tempo ocupado pelo evento “dizer”, não há subordinação temporal. Em (11), o estado “estar a par da situação” sobrepõe-se ao momento de enunciação, mas também ao tempo de “dizer” e o evento “solucionar” localiza-se depois do momento de enunciação, do intervalo de tempo em que ocorre “dizer” e do tempo em que decorre o estado descrito pela oração anterior. Dado que o estado tem como ponto de perspectiva temporal o intervalo de tempo que inclui o momento de enunciação original e do relato e dado que o ponto de perspectiva temporal do último evento representado nesta frase é o momento de enunciação, não se verifica subordinação temporal.

Até ao momento, apresentei dois tipos de exemplos: frases complexas em que as duas completivas criavam um novo domínio temporal e frases complexas em que as duas completivas estavam temporalmente subordinadas às frases matriz. Porém, o corpus revela

ainda a possibilidade de a primeira oração complemento estar subordinada temporalmente à oração principal e a segunda não. Veja-se a título exemplificativo a frase (12):

(12) Mas o teólogo do Sri Lanka já antes afirmara que o livro não tinha sido debatido objectivamente e que não houve uma avaliação «justa» do seu conteúdo.

O evento “afirmar” tem como ponto de perspectiva temporal um tempo anterior ao momento de enunciação e situa-se antes desse tempo. O evento “debater”, aqui representado na forma passiva, escolhe como ponto de referência o evento “afirmar” e como ponto de perspectiva temporal o intervalo de tempo em que decorre esse evento. Em termos de localização temporal, estabelece com o ponto de perspectiva temporal uma relação de precedência. O estado descrito na oração seguinte “haver uma avaliação «justa»” muda o ponto de perspectiva temporal para o momento de enunciação e localiza-se antes desse intervalo temporal, criando um novo domínio temporal.

Na análise realizada, aferi ainda a existência de um outro tipo de construção, envolvendo frases completivas, que suscita relações temporais muito interessantes. Neste tipo de construção, há uma frase matriz com a respectiva frase encaixada, servindo esta como frase principal para uma outra frase encaixada. Os exemplos de (13) a (15) ilustram esta configuração frásica:

- (13) Ele diz que a maior parte das pessoas em Dalian pensa que relações com o Japão são do seu interesse.
- (14) Os canadianos dizem querer diminuir fortemente a pesca da palmeta para evitar o seu desaparecimento.
- (15) O administrador da NASA afirmou que este tinha considerado que o programa de vaivéns se encontrava de excelente saúde.

Apesar de “diz” e “dizem” dos exemplos (13) e (14) se encontrarem no Presente do Indicativo, já demonstrei que representam eventos situados num momento anterior ao momento de enunciação. Por isso, em (13), o estado “pensar” tem como ponto de perspectiva temporal um intervalo de tempo que inclui o momento de enunciação original e o do relato, coincidindo com este intervalo de tempo e o estado “ser do seu interesse”, subordinado temporalmente ao estado representado na sua oração matriz, tem como ponto de perspectiva

temporal o estado “pensar” e sobrepõe-se a ele. Na frase (14), o estado “querer” tem como ponto de perspectiva temporal o intervalo de tempo que abrange o momento de enunciação original e do relato e o evento “diminuir” tem como ponto de perspectiva temporal o tempo de ocorrência de “querer” e localiza-se depois dele. Somente a segunda oração subordinada estabelece com a respectiva oração principal uma relação de subordinação temporal. Por sua vez, no exemplo (15), o evento “afirmar”, localizado num tempo passado, actua como ponto de referência e, simultaneamente, como ponto de perspectiva temporal para o estado “considerar”, que se situa antes desse ponto de perspectiva temporal. Assiste-se, pois, a uma ligação de subordinação temporal entre a oração subordinada e a correspondente oração subordinante, que se repete entre a segunda oração subordinada e a sua oração matriz. Com efeito, o estado “encontrar-se de excelente saúde” tem como ponto de perspectiva temporal o intervalo de tempo ocupado pelo estado descrito na oração matriz e sobrepõe-se a ele<sup>2</sup>.

#### **IV. Conclusões**

No estudo realizado, observou-se que na combinação de orações em frases complexas com completivas há dois processos semânticos de ligação temporal: a subordinação temporal das orações encaixadas à oração matriz e a criação de um novo domínio temporal pela oração encaixada. No primeiro caso, as eventualidades representadas pelas orações encaixadas assumem como ponto de perspectiva temporal o intervalo de tempo em que ocorre a eventualidade descrita pela oração principal. No segundo caso, as eventualidades das orações encaixadas têm como ponto de perspectiva temporal o momento de enunciação do relato ou o intervalo de tempo que inclui o momento de enunciação original e o momento de enunciação do relato.

A análise dos dados demonstrou ainda duas situações diferenciadas: frases complexas em que as duas orações encaixadas podem estar, ou não, temporalmente subordinadas às respectivas orações principais e frases complexas em que apenas uma das orações encaixadas está temporalmente subordinada à oração principal. Portanto, se há dados em que está

---

<sup>2</sup> O facto de a oração que representa o estado “encontrar-se de excelente saúde” estar sintacticamente subordinada à oração anterior impede, na minha opinião, que esse estado seja interpretado como coincidente com o evento “afirmar”. Assim, sendo o estado “considerar” anterior a “afirmar”, e o estado da última oração coincidente com “considerar”, este localiza-se também antes de “afirmar”.

presente apenas a subordinação temporal ou a criação de um novo domínio temporal, há outros em que se observam os dois processos semânticos de ligação temporal.

Por fim, a investigação permitiu concluir que o processo semântico mais usado na ligação temporal das orações em frases complexas com completivas no texto jornalístico em Português Europeu é o da criação de um novo domínio temporal, em detrimento da subordinação temporal. Efectivamente, o *corpus* revelou que, no texto jornalístico, os falantes do Português Europeu optam na passagem do discurso directo para o indirecto pela mudança do ponto de perspectiva temporal para o momento de enunciação do relato, conferindo, assim, uma maior actualidade aos enunciados que relatam.

## V. Bibliografia

- Declerck, R. (1991): *Tense in English: Its Structure and Use in Discourse*. Routledge, Londres e Nova Iorque.
- Kamp, H., R. U. (1993): *From discourse to logic: introduction to modeltheoretic semantics of natural language, formal logic and discourse representation theory*. Kluwer Academic Publishers, Dordrecht.
- Mateus, M., B. Ana, D. Inês, F. Isabel & Alii. (2003): *Gramática da Língua Portuguesa*. Ed. Caminho. Lisboa. Cap. 6-9.
- Oliveira, F. (1998): Algumas Questões Semânticas acerca da Sequência de Tempos em Português. *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas Modernas*, XV, Porto. pp. 421-436.
- Silvano, P. (2002): *Sobre a semântica da sequência de tempos em Português Europeu. Análise das relações temporais em frases complexas com completivas*. Universidade do Minho. Dissertação de Mestrado.
- Vendler, Z. (1967): Verbs and Times. *Linguistics and Philosophy*. Cornell University Press, Nova Iorque. pp. 97-121.